

Juízos morais

METAÉTICA

VALORES

- ↳ dar preferência a certas coisas
- ↳ princípios que levam à ação
- ↳ expressos através de juízos
- ↳ atribuir características a algo

Mas há diferenças:

- exemplos: ① A porta está fechada. → é um facto
② A porta é bela. → é uma opinião

juízo de facto	juízo de valor
• são puramente <u>descritivos</u> (juízo corresponde à realidade)	• são, em parte, <u>normativos</u> (visão mudar a realidade)
• têm <u>valor de verdade</u> (se correspondem à realidade, são V)	• dizem-nos como as <u>coisas</u> <u>devem ser</u>
• são <u>objetivos</u> (independentes das perspetivas do sujeito)	• expressam uma determinada <u>avaliação</u> das coisas

juízos de valor acerca do certo e errado/ como devemos agir:

Juízos MORAIS

exemplos:

- julgar pessoas e mau.
- matar é errado.

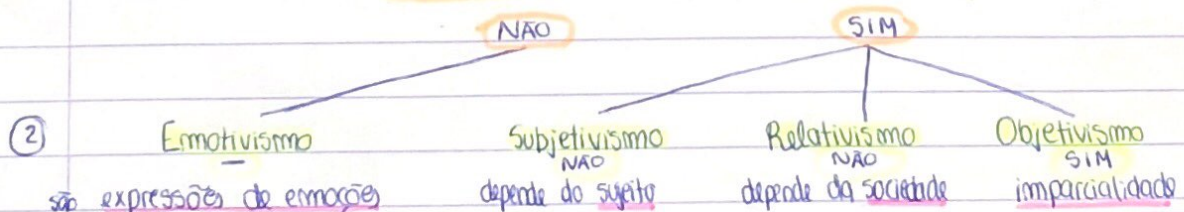
→ Qual a maturidade dos juízos Morais?

↳ Formulação:

- ① Os juízos morais têm valor de verdade?
- ② Se têm valor de verdade, são V ou F independente da perspetiva de qualquer sujeito?

① →

Não-cognitismo ≠ **Cognitismo**



EMOTIVISMO

NOTA:
Exclamações não podem
ter valor de verdade!

Teses:

- ① Os juízos morais são expressões de emoções: não têm valor de verdade;
- ② Não há factos morais. (não se descreve nada);
- ③ "X é bom" ou "X é moralmente correto" significa "Viva X!";
"X é mau" ou "X é moralmente errado" significa "Abaixo X!".

* Conclusões:

- linguagem moral $\xrightarrow{\text{educação moral}}$ expressar emoções; influenciar os sentimentos dos outros
- debate moral $\rightarrow$ não há, propriamente, quem tenha razão, com V ponto de vista

Argumentos a favor:

4 - [PL] **POSITIVISMO LÓGICO** $\rightarrow$ só 2 tipos de frase fazem genuínas afirmações de verdade:

↳ **Empíricas** $\rightarrow$ testáveis através da experiência sensível

ex.: "Está a nevar."

↳ **Análíticas** $\rightarrow$ verdadeiras por definição

ex.: "Todos os solteiros são solteiros."

① Qualquer genuína afirmação de verdade é empírica ou analítica.

② As frases de carácter moral não são empíricas nem analíticas.

③ $\therefore$ As frases de carácter moral não são afirmações de verdade genuínas.

são expressões de emoções

* Contra-argumento:

5 -

- A premissa ① é auto-refutante. Essa premissa, pelo próprio critério do Positivismo Lógico, não é nem empírica nem analítica, não tendo valor de verdade. *parecendo ser V*

6 -

↳ **Parecimência** (simplicidade) $\rightarrow$ não recorre a factos morais

① Em filosofia, como em ciência, um ponto de vista é melhor se explica certos aspetos da realidade da maneira mais simples.

② O emotivismo explica certos aspetos da moralidade da maneira mais simples.

(juízos morais $\rightarrow$ expressões de emoções, sem valor de verdade).

③ $\therefore$ O emotivismo é melhor do que os outros pontos de vista.

* Contra-argumentos:

• Contra a premissa (2):

- O emotivismo nem sempre é simples, pois parece empobrecer a moralidade ao negar a existência de razões morais.
- Mas em determinados assuntos temos razões morais para aceitarmos algo como correto ou errado.

• Problemas internos do emotivismo:

- Os juízos morais não são sempre emocionais
- exemplo: podemos fazer juízo moral de que "se existirem ETs devemos tratá-los com respeito" sem exprimir qualquer emoção

SUBJETIVISMO

• nota:
V- "M. aprova o Aborto."
V- "B. reprovava o Aborto."

Teses:

- 1- ① Os juízos morais têm valor de verdade, mas o seu valor de verdade depende da perspectiva do sujeito que faz o juízo;
- 2- ② Há factos morais, mas estes são subjetivos, pois só dizem respeito aos sentimentos de aprovação ou reprovação das pessoas;
- 3- ③ "X é bom" ou "X é moralmente correto" significa "Eu aprovo X";
"X é mau" ou "X é moralmente errado" significa "Eu reprovoo X".

* Conclusões:

- ética → só há opiniões pessoais e não verdades universais
- juízos morais → descrevem apenas os nossos sentimentos de aprovação ou reprovação

Argumentos a favor:

► FOMENTO DA LIBERDADE

- ① Se o Subjetivismo é falso, então teremos limites na nossa liberdade de ação (o valor de verdade desses juízos, será imposto por algo exterior ao sujeito).
- ② Mas, não queremos ter limites na nossa liberdade de ação.
- ③ ∴ O valor de verdade dos juízos morais depende da perspectiva de cada sujeito. [MT, 1 e 2]
- ③ ~~ou~~ ∴ O Subjetivismo é verdadeiro.

6-6 * Contra-argumentos:

- Contra a premissa (2):

- O subjetivismo não nos dá informações sobre como usar a liberdade de forma responsável.
- Segundo o subjetivismo, nenhum ponto de vista, por mais absurdo que seja, pode ser considerado realmente errado ou pelo menos pior do que os outros pontos de vista.
- A educação moral deixa de fazer sentido.

▷ FOMENTO DA TOLERÂNCIA

- ① Se o Subjetivismo é verdadeiro, então cada um tem as suas preferências (não havendo uma preferência melhor ou pior).
- ② Ora, se cada um tem as suas preferências, então tornando-mos mais tolerantes a respeito das preferências diferentes.
- ③ ∴ Se o subjetivismo é verdadeiro, então tornando-mos mais tolerantes. [SH, de 1 e 2]

6-6 * Contra-argumento:

- Entra em contradição:

- tolerância é um valor universal

lição nº 54

21.02.2018

Sumário: Argumentos a favor do Relativismo Cultural.

RELATIVISMO CULTURAL

1- Teses:

exemplo:

PT - conduzir à ☹

GB - conduzir à ☺

ambas corretas

① Um juízo moral é verdadeiro numa sociedade quando a maioria dos seus membros acreditam que é verdadeiro, e falso quando acreditam que é falso;

② Os factos morais são relativos às sociedades, sendo diferentes consoante as diferentes culturas;

2- ③ "X é bom" ou "X é moralmente correto" significa "A sociedade aprova X".
"X é mau" ou "X é moralmente errado" significa "A sociedade reprovava X".

* Conclusões:

- facto de uma convergência / consenso social
- bem e mal morais → convenções estabelecidas em cada sociedade
- ética → não há verdades universais; o certo e o errado variam de sociedade para sociedade

Argumentos a favor:

▷ DIVERSIDADE CULTURAL

- ① Culturas diferentes têm códigos morais (concepções) diferentes.
- ② Se culturas diferentes têm códigos morais diferentes, então não há uma verdade moral objetiva (pois, a verdade dos juízos morais é sempre relativa à cultura ou grupo social).
- ③ ∴ Não há uma verdade moral objetiva. [MP, de 1 a 2]

* Contra-argumentos:

• Contra a premissa ①

- Há algumas regras morais que todas as sociedades têm em comum.
↳ ex.: regras contra o homicídio

• Contra a premissa ②

- O facto de haver culturas com códigos ^{morais} diferentes não é uma condição suficiente para que não haja uma verdade moral objetiva.
- Pode suceder que haja culturas com códigos morais errados.

▷ TOLERÂNCIA E COESÃO SOCIAL

- ① O relativismo cultural promove a tolerância entre sociedades diferentes (pois, leva-nos a não ter uma atitude desleixada em relação a outras culturas).
- ② O relativismo cultural promove a coesão social fundamental para a sobrevivência da sociedade (pois, aceitamos como certo aquilo que a maioria determina).
- ③ Se o relativismo cultural promove a tolerância e a coesão social, então essa é uma teoria plausível.
- ④ ∴ O relativismo cultural é uma teoria plausível. [de 1-3]

* Contra-argumentos:

• Contra a premissa ①

- A tolerância nem sempre é desejável; aprovação da intolerância. auto-refutante

• Contra a premissa ②

- O relativismo cultural conduz ao conformismo. submeter a nossa opinião à da maioria
- A maioria pode estar enganada.

OBJETIVISMO

NOTA:

imparcial → considerar todas as pessoas da mesma forma.

Teses:

- 1 Os juízos morais têm valor de verdade estabelecido por bocas razões (informadas e imparciais).
- 2 Há factos morais, mas descrevem como nos sentiríamos se fôssemos inteiramente racionais: informadas e imparciais.
- 3 "X é bom" ou "X é moralmente correto" significa "Desejariamos X se estivéssemos inteiramente informados e nos preocupássemos imparcialmente com todas as pessoas".

* Conclusões:

- ética → há verdades universais (estabelecidas pelas razões informadas e imparciais)
- juízos morais → preocupação em considerar todas as pessoas de igual modo (baseiam-se em critérios transubjetivos de valoração).
imparcialidade (sem individualidade)

Argumentos a favor:

▶ CONTRA A INTOLERÂNCIA

- 1 Se o juízo moral de que "a intolerância é errada" fosse apenas relativo à nossa sociedade, então seria aceitável que outras sociedades fossem intolerantes.
- 2 Mas não é aceitável que as outras sociedades sejam intolerantes.
- 3 ∴ O juízo moral de que a intolerância é errada não é relativo à ^{nossa} sociedade. [HT: 3.1.1]

* Contra-argumentos:

• Contra a premissa 2

- O relativista → ao condenarmos o nazismo, estamos apenas a exprimir os juízos morais da nossa própria sociedade.
- Mas daí não se segue que a intolerância seja um valor objetivo.
- Crítica geral
- O argumento não prova que os juízos morais são objetivos (mas que, no máximo, a tolerância não é relativa à sociedade ou cultura).

▶ IMPARCIALIDADE

- ① Se os juízos morais não são objetivamente verdadeiros (ou falsos), então não podemos justificar os nossos juízos morais de um ponto de vista imparcial.
- ② Mas, podemos justificar os nossos juízos morais de um ponto de vista imparcial. (p.e.: A escravidão é injusta.)
- ③ ∴ Os juízos morais são objetivamente verdadeiros (ou falsos). [HT, 2016]

* Contra - argumentos:

- Como seria a vida humana se formos todos rigorosamente imparciais?
- Contra a premissa ② - objeção dos "santos morais"
 - considere-se a vida de um santo moral → imparcial
 - difícil ter vida pessoal plenamente realizada → s/ sentimentos
 - relações morais humanas perdem sentido sem algo parcial